

Corina
Tuyama
Gerassi

c o n t o s

Apresentação

Este portfólio é resultado de um semestre da disciplina de Escrita Criativa. Foram meses de dias criativos e outros nem tanto. A cada semana um conto/poema novo era proposto. Experimentamos diferentes escritas, temas e estruturas e aqui está o meu melhor desses meses.

Sumário

Hotel by a railroad.....	4
The Most Beautiful Suicide.....	6
Hiroshima, sem amor.....	7
Show Business.....	8
Procura.....	10
A triste história do tijolo que queria fazer um amigo.....	11
Elevador.....	13
Partida.....	14
Jantar.....	15
Roteiro.....	16
Referências.....	20

Hotel by a railroad



O quarto do hotel não esbanjava espaço, mas também não era nenhum cubículo. Cama de casal, armário, banheiro. Perto da janela, uma poltrona, mesa e espelho. Era bem localizado, perto de uma estação de trem, os trilhos podiam ser vistos da janela. Seus hóspedes eram todos viajantes, chegavam tarde e saíam cedo, vinham e partiam cansados.

Um casal de idosos havia chegado ontem. Eles iriam para uma cidade não muito longe. Iriam a um funeral.

*

Com a idade que tinham ir a funeráis era um evento comum. Lá reviam amigos de longa data, ficavam tristes lembrando das histórias daquele que em vida não estava presente e riam contando episódios de suas juventudes. Mas esse funeral não era igual.

Desta vez quem estava no caixão não era nenhum amigo da infância ou da época da faculdade. Seria o enterro da filha da filha do casal, a neta Lúcia. Tão jovem a menina morreu com sete anos. Morreu cedo. Às sete da manhã, a caminho da escola, foi atropelada por um bêbado. A mãe tinha visto tudo.

*

Já estava de manhã no quarto do casal. A luz entrava pela janela e lembrava a chegada da primavera. Próximo a janela o senhor fumava seu último cigarro, enquanto a senhora, sentada numa posição desconfortável na poltrona, folhava um livro. Ela só passava os olhos pelas palavras, não lia. O sol tocava os dois.

Suas bocas não se comunicavam, seus olhos não se encontravam, mas o pensamento era o mesmo. Como consolar a filha se nunca haviam passado pela dor de perder um filho? Talvez não houvesse consolo. Ele tragava, ela virava a página. Como dizer que se identificavam mais com a condição da neta, morta, do que com a da filha? Ele apaga o cigarro e ela fecha o livro.

Ao saírem do hotel alguém pergunta:

"Para onde os senhores vão?"

"A um encontro de família".

The Most Beautiful Suicide



Boom. Tudo estava quebrado e eu inteira.

Hiroshima, sem amor.



A sombra se descola do corpo,
Se prende no asfalto,
Se perde no tempo,
O que é sólido se desfaz no vento.

Show Business

Eu vendi minha alma para a gravadora. Todos os anos eu era obrigada a lançar um álbum novo (repleto de músicas bobinhas para tocar nas rádios) e entrar em turnê. Ia de cidade em cidade, passava por diversos países e continentes, mas era tudo a mesma coisa, mesmo tipo de gente, as mesmas roupas, cabelo, linguagem, tudo. No final de cada show a única coisa que mudava era o local que eu teria que agradecer pela aquela noite maravilhosa.

Fora dos palcos também era tudo igual, os mesmos hotéis, as mesmas refeições (sem muita lactose ou gordura para não afetar minha voz), as festas lotadas de outras estrelas, bebendo sempre as mesmas bebidas dançando sempre ao mesmo compasso 4/4 (o compasso que eu também compunha).

O auge da minha carreira chegou antes dos meus 25 anos, foi o momento mais amargo da minha vida. Já estava com um hit há mais de uma semana no topo das paradas, vários shows confirmados quando soube da morte da minha mãe. Fazia meses que eu nem ligava para ela para mandar notícias. Ela era minha única família. Soube da sua morte logo após um show. Tudo tinha ficado vazio (mais do que já estava).

Cancelei aquela turnê, a gravadora ficou furiosa, mandaram inventar qualquer coisa para espalhar na mídia e me deram um mês para me recompor. Voltei para a casa da minha mãe. Fazia anos que eu não entrava naquela casa. Não lembrava dela ser tão grande. Me senti sozinha. Uma semana mais tarde me encontraram morta, enforcada no banheiro. A gravadora não deixou a notícia da minha morte vazar. Morri como indigente.

Eu vendi minha alma para a gravadora. Eu já havia trabalhado como

sósia da falecida algumas vezes antes do seu auge, éramos parecidas, eu um pouco mais alta, porém com maquiagem éramos idênticas. Na mesma semana entraram em contato comigo. No mês seguinte eu tive aulas de como me comportar como ela, sotaque, gestos, manias, sem falar nas aulas de teatro onde dublei todas as suas músicas várias e várias vezes. Logo depois eu estava em turnê.

É como eles dizem, o show deve continuar.

Procura

Te procuro em todos os cantos,
Em todas as ruas,
Em todos os livros,
Em todos os cantos.

Te acho nos detalhes,
Nas profundezas do sete mares,
No crepúsculo entre as tardes,
No milésimo do segundo.

Se te acho no sussurro,
Te procuro aos berros,
Estampo minha mensagem,
Não te quero de passagem.

A triste história do tijolo que queria fazer um amigo

Era um tijolo nobre
Magro e alto, feito de cobre
Fraco porém charmoso,
Na casa do bom moço.

Um tijolo curioso,
Não ficava imóvel como os outros
Se descolava e fugia,
Fazia isso todos os dias.

Conheceu a cozinha e o banheiro,
Deixou marcas no chão inteiro,
O moço se perguntava
“será que foi o jardineiro?”

A verdade é que era um tijolo solitário,
Um dia foi achar algum amigo no armário
Mas se encantou no caminho,
Ele tinha achado um amigo!

Era um tijolo também,
Forte e largo,
Era o tijolo do quarto.

Perguntou se queria passear,
“não, não posso sair do meu lugar”
Com seu charme ele insistiu

Demorou, mas conseguiu.

O amigo se encolheu e saiu,
Um estralo se ouviu,
Como um trovão no céu,
Barulhento e amedrontador,
Partia tudo ao seu redor

A parede desmoronou,
O teto caiu,
A casa se deitou,
E os dois amigos soterrados,
Morreram juntos, abalados.

Elevador

Era um prédio velho e o casal era jovem, juntos nem somavam 60 anos. O cardiologista ficava no penúltimo andar. Esposa e marido entraram no elevador. Ela já estava atrasada para a consulta. O marido só estava ali para acompanhá-la até a porta sabia que, se dependesse somente dela, ela não iria ao médico. Ela queria que ele a esperasse até o final da consulta, mas ele alegou ter um compromisso o qual não podia desmarcar.

“10º” indica o botão preto que apertam. A porta se fecha trancando os dois. O elevador começa a subir.

Um barulho alto de metais em atrito rasga o silêncio. O elevador para. Os dois ficam em quietos por alguns segundos. “O que que aconteceu?”, ela pergunta nervosa. “Droga!”, ele fala enquanto bate na parede. Apertam o botão de emergência. “Alô! Estamos presos, o elevador quebrou”, ela diz afobada. “Ah, certo senhora, já vamos ver isso... A senhora só aguarda um pouco...”, respondeu uma voz grave e tranquila do painel.

Os dois tentaram abrir a grade, não conseguiram, então se sentaram. Ela apoia sua cabeça junto ao ombro dele, agarra suas mãos. “Moça?” pergunta da voz que vinha do painel, “Oi!” ela responde sem se mover, “Já estamos buscando ajuda, mas acho que vai demorar um pouco... Mais ou menos meia hora, tudo bem?”, “Tudo bem...”.

Os dois soltam um longo suspiro. Conseguem ouvir os passos da ajuda chegando, eles falam algo sobre os cabos, sobre alguém ir até o último andar e também falam sobre futebol. O celular dele começa a tocar, sem nem olhar para a tela, ele desliga. “Quem era?”, ela pergunta, “Ninguém”. O celular volta a tocar, ele tira do bolso, é João. “João te ligando? Será que é pra mim? Acho que eu esqueci meu celular em casa mesmo...” Ela e João eram amigos antes mesmo de ela conhecer seu marido. Ele desliga o celular novamente. “Mas por que você fez isso? Deixava eu falar com ele...”, transtornado ele responde “Por que eu não quero falar com ninguém agora!”. Silêncio. A tela do celular acende na sua mão “Onde você tá baby? <3”

Partida

Eu tinha acabado de fazer seis anos e ele tinha cinco. Sete meses nos separavam e esse tempo era o suficiente para que todos os adultos preferissem ele do que a mim. Carregavam-o no colo, faziam seu prato (e ainda deixavam tudo cortadinho), qualquer jogo que jogasse armavam para que ganhasse e ficavam bravos caso eu ou outra criança ganhasse alguma partida.

Tinha outra coisa. Os pais dele tinham muito dinheiro. Minha mãe dizia que os dois trabalhavam muito, meu pai achava que eles só tinham sorte na bolsa. Meu pai era meio-irmão do pai dele, tinham o mesmo pai. Meu pai veio do primeiro casamento, o dele do segundo.

Todos os domingos havia um grande almoço na casa deles, sempre éramos convidados e sempre íamos. Meu pai adorava a comida que faziam, mas nunca elogiava na mesa, esperava chegar no carro para dizer algo como “Vocês experimentaram aquela lasanha?” ou “Como alguém consegue fazer um molho tão bom como aquele?”

Num desses domingos ele apareceu com uma bola de futebol novinha, fomos jogar no jardim, só tinha nos dois para brincar. Eu era bem melhor que ele. Fiz um gol, depois outro e mais outro. No quinto ele começou a chorar. Pegou a bola com as duas mãos e a apertava enquanto chorava. Ninguém ouvia ele, então, aos poucos, o volume do choro ia aumentando. Puxei a bola dele, ele soltou um grito, ninguém ouviu, a bola ainda estava com ele. Dei um soco na bola e ela escorregou de sua mão, quicou na minha frente e, enquanto ainda estava no ar, acertei um belo de um chute.

O chute foi forte e o estrago grande. Tinha acertado uma das luminárias do jardim, havia cacos por todos os lados. Ninguém ouviu nada. Eu corri para dentro de casa e ele me seguiu. Perguntaram para ele se estava chorando, ele não respondeu, então disse que ele havia se machucado enquanto jogava. Almocei em silêncio e ele também.

Quando entrei no carro junto com meu pai, enquanto minha mãe ainda se despedia do resto da família, ouvi a voz do meu tio “O que que foi isso aqui?”. Ele olhou para todos os lados e chorou quando viu que eu não estava mais lá. Nunca mais jogamos futebol.

Jantar

Era quase onze da noite e nada deles chegarem. Tínhamos pedido uma pizza e ela já estava na mesa. Ficamos na sala esperando. Não consigo entender o porquê dessa mania de jantarmos sempre juntos (mesmo quando isso significava esperar até tarde da noite).

“Eles vão levar uma bronca quando chegarem” pensei preocupada. Nossa última briga foi tão feia, nem gosto de lembrar. Não que eu tenha feito alguma coisa nesse (ou em qualquer) dia.

A verdade é que odeio brigas, lutas, qualquer forma de conflito, até mesmo essas discussões bobas tento evitar. Quando há alguma dessas coisas fico parada, só obsevo. Sou incapaz de manifestar qualquer ação e assim sempre ajudo aquele que está vencendo (eu realmente me odeio por isso).

Fui para o banheiro lavar meu rosto. Quando voltei ouvi o barulho do carro estacionando. Ficamos de pé. A porta é aberta. “Vocês esqueceram que eu tenho aula amanhã cedo??” falou o menor num tom agressivo. “Isso são horas de chegar em casa?!?! O que que vocês estavam fazendo?!?!” esse foi o mais velho ainda mais agressivo. Eu sempre ficava calada. Odeio quando meus pais chegam atrasados.

"PRESA"

Um roteiro de
Corina Tuyama

INT. QUARTO - NOITE

Quarto pequeno, paredes pretas (todas de mesmo tamanho), sem nenhuma mobília. Deitado no chão está Philip, 25 anos, dormindo. Ele acorda, se espanta ao perceber que está num local desconhecido e que seu corpo contém cortes e hematomas.

Philip explora o quarto. Tateia as paredes e, ao notar que não há portas ou janelas no local, começa a socar as paredes enquanto grita transtornado.

INT. QUARTO - NOITE (DOIS DIAS DEPOIS)

Philip acorda, vê uma luz entrando no canto do quarto e se espanta. A luz vem de um buraco, quadrado, não muito grande, na parede oposta a que Philip se encontra encostado.

Philip vai às pressas em direção ao buraco - a luz ilumina seu rosto, é nítido que ele está exausto e faminto, seus hematomas estão quase curadas, sua mão, porém, continua com feridas - e com dificuldade passa por ele.

INT. CORREDOR - NOITE

Corredor estreito, porém muito comprido, bem iluminado, com paredes brancas.

Philip entra no corredor. A claridade do local ofusca sua visão. Ele anda com dificuldade no corredor que parece não ter fim.

À medida que Philip avança no corredor, um barulho de goteira se torna cada vez mais alto. Philip anda mais rápido. O intervalo entre o barulho de uma gota e outra se torna menor. Ele corre. Até que ele se depara com uma poça. A poça contém um líquido transparente como água e seu tamanho é grande. Ele olha para

cima. Uma gota cai em seu rosto. Ele se aproxima da poça e bebe seu líquido com presa. Philip sorri enquanto molha seu rosto e cabelo com aquele líquido.

Philip se levanta. Tudo está em 'câmera lenta'. Dá alguns passos até que desmaia.

INT. QUARTO - NOITE (UM DIA DEPOIS)

Philip acorda no mesmo quarto e, ao reparar que o buraco não está mais lá, dá murros em cada uma das paredes na mesma altura em que o buraco estava. Nenhum buraco se abre. Ele se deita no chão e chora. O quarto fica maior, Philip diminui no ambiente. O quarto continua a crescer até que Philip se torna irreconhecível e tudo fica preto.

INT. QUARTO - NOITE (DOIS DIAS DEPOIS)

Philip acorda. O buraco está lá novamente. Ele corre em sua direção.

INT. CORREDOR - NOITE

Philip corre em direção ao fim do corredor. Conforme ele avança no seu caminho, o corredor fica mais estreito. Dê tão estreito, se torna impossível para Philip continuar seu caminho. Ele para. Fecha os olhos. Abre os olhos. O corredor volta ao normal. Philip olha para trás, ele já não consegue ver o buraco do seu quarto. Ele olha para frente e vê um ponto que parece ser o fim. Ele segue em direção ao fim.

INT. FIM DO CORREDOR - NOITE

No final do corredor há uma janela imensa. Ao chegar no fim do corredor, Philip, perplexo, olha pela janela. Ele avista o universo, reconhece a via láctea. Ele grita.

FIM.

Referências (imagens):

HOPPER, Edward. Hotel by a railroad. 1952.

WILES, Robert. LIFE Magazine. 1947.

HIROSHIMA MON AMOUR. Alain Resnais. França/Japão: Pathé Films, 1959.
90min.